

DA MEMÓRIA À RUA

8 anos da morte em ação do companheiro Mauricio Morales



Apresentação

Hoje, sábado, 27 de maio tomamos a rua novamente, a tomamos com a convicção de que a memória não é palavra morta, pelo contrário, é a prática de colocar em movimento lembranças carregadas de história e compromisso.

Faz 8 anos que o companheiro Mauricio nos deixou numa explosiva madrugada de maio, hoje evocamos a consequência de vida do Punky Mauri para voltar a encarná-la em nxs, em vocês, em nossas determinações.

Esta consequência se distancia totalmente de algum nível de dialogo com a autoridade, se manifesta, por exemplo, no fato de não pedir permissão para levar adiante esta atividade; Música, feiras, passeatas e qualquer expressão contracultural, não podem ser desenvolvidos em coerência com nosso discurso se não é do início ao fim uma proposta desafiante à ordem hegemônica existente.

Individual e coletivamente, nos responsabilizamos por nossas decisões, nos juntando para mais uma vez mostrar os dentes à adversidade e a indiferença, é que aqui nos negamos a esquecer! Por esta razão, nunca abandonaremos umx companheirx que cai em combate. A história de luta de centenas e centenas de companheirxs ao longo da história que sentiram entrar em seu coração a última bala de seu último enfrentamento resultam ser um chamado urgente e incendiário a continuar o conflito aberto e sem trégua contra o Poder e a Autoridade, nutrindo-nos com essas experiências para continuar encorajando o ataque às estruturas opressivas, à imposição da conduta, aos asquerosos códigos morais e valores que dia a dia nos injetam em nossxs corpos através do medo generalizado.

Porque o enfrentamento se organiza... Avante qualquer iniciativa que propague o conflito, pois, indubitavelmente – hoje – precisamos de tudo: livros e publicações, atividades contraculturais, okupações e

espaços de resistência, ação direta, música, propaganda e memória combativa. Em suma, o chamado é sempre pra continuar buscando meios para dar uma sustentada e comprometida projeção à tensão anárquica, entendendo que a ofensiva multiforme precisa de todos os elementos, como um todo, que complementem uma ruptura profunda de qualquer sistema de miséria e dominação.

“Na guerra social tomamos posições e por uma questão de moral não podemos ficar indiferentes diante da caída em combate de nossxs irmãxs, como também a situação que vivem milhões de presas e presos em todo o mundo. Juizes, gendarmes, promotores e policiais são e serão hoje e sempre nossos inimigos e não descansaremos até aniquilar o último bastião da sociedade carcerária... estamos em guerra! Presos e presas em guerra à rua!”

Mauricio Morales

**Força à memória que perfura e aniquila o esquecimento,
mantendo intactas as ansiedades de luta e conflito.**

**Aqui e em todo o mundo...
Cumplicidade com nossxs companheirxs em cárcere.**

**A anarquia prevalece nas mãos ativas
dxs que impulsam a desordem.**

**Mauricio Morales vive na revolta!
Maio 2017.**



Em memória da companheira Zoé

Perto da meia-noite de 01 de Maio de 2009, uma bomba caseira explodiu inesperadamente enquanto era confeccionada por indômitxs companheirxs na França..

Ao escutar a explosão, algumxs vizinhxs foram para uma fábrica abandonada para ver que havia ocorrido. Entrando no imóvel, lanterna em mão, ouviram, à distância, gritos aparentemente de um homem. Quando o encontraram, era o companheiro Mike, ensanguentado e com graves feridas em seu corpo. Mike, de nacionalidade sueca, conseguiu articular algumas frases, pedindo ajuda para sua companheira Zoé Aveilla, de 23 anos e nacionalidade Francesa. Lamentavelmente a companheira não conseguiu resistir, passando a fazer parte da história daquelxs que não se ajoelharam e apostaram suas vidas para mudar este mundo demasiado puro para a indigna civilização humana.

Xs companheirxs viveram uma vida, apesar da distância, muito similar à de Punky Mauri. Participavam ativamente em grupos libertários, viveram meio ano numa okupa em Cognin até seu desalojo e fazia um ano que frequentavam a okupa Les Pilots, esta última, após o acidente foi invadida por mais de 100 policiais, obviamente entre eles as seções terroristas ou antiterroristas como eles se autodenominam. Foram detidas 11 pessoas, que se encontravam no lugar, além de serem interrogadxs, algumxs foram processadxs por “destruição de evidências” e indiciadxs por conduta terrorista.

Durante esses dias, convocaram manifestações onde chegaram mais de 200 solidárixs a desafiar as ameaças por parte do Estado francês.

Mike ferido, foi levado por um helicóptero ao hospital de Lyon, onde permaneceu vários dias em coma e com custódia policial permanente. Foi acusado na cama do hospital por “associação criminosa para a preparação de um grupo terrorista” e por “fabricação e posse de explosivos”. Lá também ocorreram os primeiros interrogatórios por parte da polícia.

A seguir, o comunicado que escreve o companheiro Mike da prisão:

O coração enjaulado, a raiva no coração... Algumas notícias da prisão de Chambéry (ano de 2013)

Desde 07 de janeiro, estou cumprindo uma sentença de quatro meses pela fabricação de um artefato explosivo em 2009, o que produziu uma explosão acidental em que minha companheira Zoé morreu e me deixou seriamente ferido.

Não quero que se compadeçam da minha sorte. Não sou uma vítima inocente diante de uma justiça desproporcional, mas um indivíduo entre tantxs que não quer entrar na triste realidade que a sociedade lhe reserva e a quem o Estado prende para aumentar seu controle e manter sua autoridade.

Não sou um revolucionário vanguardista que representa um modelo a seguido e que procura sofrer para tentar provocar uma revolta de companheirxs, não sou mais que um indivíduo que busca uma emancipação coletiva para uma destruição das estruturas sociais e as normas que beneficiam o Estado e o Capital. Embora tenha desejos revolucionários, me nego ser separado entre presxs “sociais” e “políticxs”, me considero um “preso político” assim como todas as pessoas confinadas.

Sou um ser humano que tem sede de liberdade, tentando viver e lutar de acordo com minha ética antiautoritária, numa sociedade baseada na opressão e na dominação, e que sofre as consequências lógicas de suas escolhas.

Se minha situação provoca a cólera, todxs são livres para cultivá-la e me dá-la da forma que desejar.

Para que essa raiva não se apague com o medo, que vivam as revoltas!!!

Destrua a prisão e este mundo de concreto de merda, liberdade para todas e todos!!!

Mike

Reflexões diante do cenário que nos toca

“Expropriar nossa história do poder. Arrancar o que gostaria de guardar sob silêncio e nos alimentar dele. Fazê-la existir, não seguir desraizados, não continuar vindo do nada. Saber que outrxs estavam lá antes de nxs. Saber aprender com isso, tirar proveito das reflexões, experiências, autocríticas, divisões... Esta é também uma tarefa de um movimento revolucionário que enfrenta o poder que quer nos ver isoladxs sem um passado (ou então abatidxs pela história dos vencidos).”

A memória é uma arma e jamais um bordão vazio. No exercício de recordar nos nutrimos de experiências e aprendizagens que explicam nosso presente de luta e nos permite traçar a projetualidade junto com as possibilidades de nossas intenções antagonônicas a este sistema capitalista de miséria e exploração.

Nossa aposta de luta está plenamente conectada com a história de centenas de revoltas, insurreições e revoluções passadas, é nessa ponte onde lembramos e nos juntamos com aqueles que encarnaram e deram o pulso perigoso à atividade subversiva, procurando cruzar os tempos para dar lugar a um mundo novo substituindo as lógicas hierárquicas por alternativas reais de organização horizontal e autônoma para a livre determinação de nossas vidas.

Asfuxiantemente a realidade nos apresenta de distintas maneiras, igualmente crua mas desenvolvida em um processo acelerado de perfeição, isto é o que nos distingue de outros momentos históricos pois a tecnologia tem sido uma ferramenta de uma efetividade sem precedentes para a imposição dos interesses servis aos Poderosos, assim a obediência generalizada resulta palpável, praticamente em todas as relações sociais e produtivas na atualidade. Se antes se recorria aos genocídios e massacres para demonstrar quem tinha os meios e o controle, hoje fazem com a geração de necessidades absurdas que nos convidam a conceder quase a totalidade de nossas vidas para conseguir ter acesso a estas dinâmicas de consumo e aparatos inúteis e alienantes. A “sutileza” com a que o sistema conseguiu penetrar e imobilizar as pessoas resulta no principal obstáculo para gerar fatos/momentos insurrecionais, normalizando e contendo alguma fuga de seus planos regulados.

A proposta anarquista/antiautoritária clama como pilar essencial para enfrentar o inimigo a ação multiforme em nossa empreitada revolucionária, portanto devemos assumir de imediato que nenhum método nem expressão está por sobre outra, sempre que estes movimentos e ações busquem gerar a cólera neste estranho e decadente clima chamado “Paz Social”.

Analisando os contextos buscamos insaciavelmente o fortalecimento dessas propostas que não são desconhecidas nem distantes. Quando o chamado aponta para a multiplicação exponencial de ação autônomo é precisamente continuar desenvolvendo em quantidade e qualidade de acordo com o caso, ferramentas que retroalimentem o conteúdo político e material de todxs xs sujeitxs conscientes e posicionadxs junto com o convite e o enfoque para possíveis pesquisadores de trincheiras que despertem da letargia desesperada onde se encontram.

Nesta permanente busca pela intensificação dos conflitos, é essencial visualizar certos terrenos férteis onde a prática anarquista/antiautoritária proponha e concretize estratégias efetivas para aprofundar as rupturas com o domínio dos Estados do mundo, estas instâncias de luta não devem se tornar espetaculares, é suficiente olhar em nossos arredores mais próximos para encontrarmos com problemáticas latentes que potencialmente resultem ser pequenos barris de pólvoras de grandes explosões e revoltas.

No território chileno, pequenas lutas foram impulsionadas por diversas coletividades cuja intensidade depende propriamente do contexto em que se desenvolvem mas sempre com uma matriz em comum: fazer frente a usurpação e a precarização da Vida e da Terra em função do progresso e o desenvolvimento do Capital.

Um exemplo destas sementes está no sul do país. Efetivamente as comunidades mapuche demonstram que a AUTONOMIA se defende até as últimas consequências, assumindo que toda ação a se realizar se enquadram dentro de um projeto integral cujas principais abordagens são o desapego ao Estado terrorista do Chile para se aventurar num processo de reconstrução cultural e espiritual através da AUTODETERMINAÇÃO como povo, enfrentando dignamente à máquina capitalista responsável pela devastação de extensos territórios

ancestrais, encorajado pelo avanço da metrópole capitalista, as normas, leis e estabelecimentos do Estado.

Numa linha muito similar, vem se registrando uma série de projetos mega-destrutivos que geram as conexões e canais para os fluxos de mercadorias necessários para o “progresso”. A ciência e a tecnologia desempenham um papel fundamental nestes processos, como por exemplo, o fato de conseguir manipular e controlar o que até pouco tempo eram indomáveis os fluxos de rios, confinando-os em barragens e posteriormente apresentados como projetos hidroelétricos necessários para resolver “possíveis” crises energéticas cujas origens sabemos que não são naturais pois a real intenção deste ecocídio é manter as necessidades autodestrutivas que sustentam a depredadora vida moderna.

Os projetos IIRSA, Alto Maipo, Octopus, Minera Pelambres, Minera Dominga e outras problemáticas ambientais atuais não se mostram ser problemas distantes, pois é aqui e em todo território onde exista um questionamento ao estabelecido, um lugar para nos nutrir e compartilhar experiências que apontem o desmembramento do desenfreado avanço da civilização.

Ampliando os focos de conflito, os objetivos das ações anárquicas resultam ser de maior conteúdo e também mais precisos sempre e quando estes continuem a apontar os excessos dos movimentos cidadãos que por seu caráter reformista não buscam frear nem acabar com a Dominação.

Mantendo nossos valores e tomando conta da história, expulsar o Estado de todos os aspectos de nossas vidas deveria ser um trabalho constante que se traduz em construir a anarquia aqui e agora.

Avante os projetos autônomos, informais e horizontais que se opõem com decisão ao Capital, o Poder e toda Autoridade.

A anarquia mais que impossível é inevitável!

Palavras para a atividade da memória à rua de companheirxs de outrxs cantos do mundo

Da Bélgica

Queridxs companheirxs:

Lembro quando Mauricio morreu. Nesta parte do mundo tinham companheirxs lutando contra o carcere e o ataque que Mauricio tentou fazer, ecoou aqui também, pela escolha do objetivo. Sua morte foi um golpe para xs anarquistas em todos lados do mundo.

Lembro desse período como um no qual tudo parecia possível. Onde vivo, tinha muitas revoltas nas prisões e em resposta houve várias expressões de solidariedade como distúrbios nas ruas e ataques noturnos contra o estado e suas estruturas repressivas. Sentia-se como um período de confronto e os movimentos na Grécia e Chile deram valor a todxs.

A polícia demorou um tempo para entender o fenômeno do anarquismo insurrecional e como pará-lo. No Chile tinha o Caso Bombas, na Grécia houve detenções e Alexandros e Lambross foram assassinados. No meu contexto xs companheirxs vivíamos um intenso e perpetrador controle, o qual sufocava parte do jovem movimento combativo. Tudo isso, é parte de nossa história comum.

Hoje me parece diferente de ontem. Sem dúvida, as raízes do sistema não mudam, mas sua forma sim. Na Europa enfrentamos uma nova realidade, os estados de bem-estar mudaram para modelos muito mais repressivos. Estamos num período de contra revolução dos estados que assassinaram as revoluções árabes e lançam a sombra da morte a todos os países em relação com estas realidades. Sem dúvida, não existem “os bons velhos tempos”, mas só quero dizer que hoje é diferente de ontem e é importante entender o que vivemos.

Os desenvolvimentos tecnológicos tornam as mudanças muito mais rápidas do que podemos esperar. Todos estes desenvolvimentos e aplicações vão com uma velocidade extrema e os efeitos podem mudar a realidade de um dia para outro. Neste mundo de refugiadxs e guerra, de programas infraestruturais e aceleração capitalista, de “cidades inteligentes” e nanotecnologia, de flexibilização sem fim e desastres climatológicos, temos que encontrar o modo de atuar.

Quando tudo isso parece muito longo e confuso para lutar contra, temos que discutir e entender por que precisamos de um plano. Um plano ao qual podemos nos apegar. Um plano que tenha em conta as circunstâncias e o contexto em que vivemos. Ler sobre a história revolucionária pode nos ajudar em diferentes aspectos, mas temos que entender que isso faz parte do passado e que não tem modelos a copiar. A sociedade mudou, os meios de controle mudaram, a mentalidade das pessoas mudou. E então para nxs xs anarquistas de todos lados, o desafio está em encontrar uma maneira de atuar que possa nos ajudar a ir mais longe hoje, deixar pra trás o passado e descobrir como podemos desestabilizar alguns aspectos deste mundo mórbido e totalitário.

Temos a dignidade a nosso lado, temos companheirxs a nosso lado, temos uma história e um futuro. Continuamos mantendo vivo o sonho e a prática da insurreição.

Meus pensamentos vão para o Mauri e para todxs vocês.

Força para todxs xs companheiros, abraços e beijos do outro lado do oceano.



Palavras de Elisa Di Bernardo e Gabriel Pombo Da Silva

Mauricio anarquista... Mauricio poeta e desenhista... Mauricio e sua “Banda Bonnot”... Mauricio com crianças e jovens nos bairros “indesejados”... Mauricio contra qualquer forma de autoridade, sob qualquer cor que se apresente e que afete qualquer espécie... Mauricio companheiro até o final... Mauricio formosamente violento!

Um 22 de maio, há 8 anos faleceu o Punky Mauri, uma noite sem estrelas e sem lua cheia, num canto do mundo chamado Chile. A raiva transformada em pólvora negra explodiu antes do previsto deixando seu corpo sem vida jogado no chão... seu corpo morto, nossa dor imensa!

Mauri! Teu espírito combativo e rebelde segue vivendo em nossos corações, em nossa luta, em todas as ações diretas feitas para minar os bastiões desta sociedade liberticida. Mauri! Tuas palavras não somente palavras seguem no enchendo de Determinação... de Ódio... de Raiva... de Solidariedade Ativa... de Amor... de Tensão Irreversível Para a Liberdade e a Libertação Total.

Mauri! Teu sorriso nos acompanha de maneira permanente!
Mauri! Está vivo em cada individuo que procure que Viva a Anarquia!

Da Galícia, Ateneo Anarquista Agustín Rueda

Elisa e Gabriel



De Madri

Palavras para a atividade de Mauri:

8 anos da morte e a milhares de quilômetros, a lembrança e a raiva seguem apertando a mão do companheiro.

Não queremos transmitir palavras panfletárias, mas o alento e o calor, dxs compas, de vossas e vossos compas daqui.

Dos e das que acreditamos que em nossa ação diária contra este mundo de merda, da forma que cada uma encontre, sempre afilada e em confronto direto, mantemos avivada a chama de Mauri e de todas as pessoas que deram sua vida pela liberdade, pela anarquia.

É importante que entre companheiras e companheiros anarquistas de todos os cantos tratemos de aumentar e fazer mais efetiva a solidariedade ativa, algo que consideramos uma arma chave que temos como anarquistas, além do caminho de cada umx, atacar e responder os estados com o empurrão de todas e todos.

Mandar toda a força a todas as pessoas que estão fazendo possível esta atividade, outras e todas as ações... que se estendem e não entendem de fronteiras, mantendo viva a memória do compa.

Procuremos que viva la anarquia, em nosso dia a dia!!!
Render-se jamais!!!

Madri Primavera 2017.

